

Dr. Mark Jennings, Mark, Aula 2, Marcos 1:1-13

© 2024 Mark Jennings e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o livro de Marcos. Esta é a sessão 2 sobre Marcos 1:1-13.

Olá novamente. É bom estar de volta com vocês enquanto trabalhamos no evangelho de Marcos. Em nossa última palestra, examinamos alguns dos materiais de fundo, discutimos o gênero do evangelho e algumas das considerações históricas sobre os evangelhos. Mas hoje estou animado porque realmente entramos no evangelho de Marcos.

Vamos começar um pouco falando sobre a estrutura do evangelho de Marcos antes de começarmos a olhar para a primeira parte do capítulo um. E há diferentes maneiras de fazer a estrutura de Marcos. Alguns querem fazer isso geograficamente, alguns veem um movimento teológico.

Para mim, acho que a melhor explicação são quatro partes básicas. Que você tem um prólogo, Marcos capítulo 1, versículos 1 a 13. É isso que veremos principalmente hoje, seguido pela próxima seção, uma seção bem grande, começando com o versículo 14 do capítulo 1 e indo até o meio do capítulo 8, 8:21.

A confissão de Pedro no meio do capítulo 8 tem sido reconhecida há muito tempo como uma dobradiça, como um grande ponto de virada do evangelho de Marcos, e isso se reflete nessa estrutura. Esta segunda parte, se preferir, depois do prólogo, realmente foi descrita como o ministério público de Jesus, também seu ministério de autoridade. Com isso, quero dizer o tema da autoridade de Jesus surgindo.

E eu acho que ambos estão corretos. Certamente há um aspecto público nesses primeiros oito capítulos. Muito do que Jesus faz está na visão de outras pessoas em suas casas ou nas sinagogas.

Há um foco galileu também durante esses primeiros oito capítulos, e muitos dos tópicos que são abordados, como veremos, realmente abordam a questão da autoridade de Jesus. E então há uma mudança que acontece no evangelho de Marcos na confissão de Pedro, quando Pedro é pressionado sobre quem ele pensa que Jesus é. Lá, vemos não apenas a geografia que começou a mudar.

Com isso quero dizer que começamos a ter esse movimento em direção a Jerusalém. Mas também vemos uma mudança temática no evangelho de Marcos, onde o sofrimento e a morte de Cristo se tornam muito mais prevalentes. Até mesmo o ensino começa a se concentrar mais nos discípulos.

E então, esta terceira parte, intitulada Jesus Turn Toward the Cross, e então há um epílogo no capítulo 16, versículos 1 a 8. Agora, como falamos na última palestra, o final de Marcos é um pouco controverso, com relação a onde ele terminou ou onde não terminou e o que temos. Então, este epílogo nos versículos 1 a 8 é provavelmente mantido com um pequeno asterisco em relação a essa estrutura. Então, hoje, vamos olhar principalmente para o prólogo, Marcos 1 a 13.

Ao olharmos o prólogo, uma das coisas que quero que comecemos a capturar uma ideia são os tópicos e temas que estão sendo introduzidos no prólogo. O início de um livro frequentemente nos orientará sobre o que o livro, o principal do livro, será. Além disso, quero que prestemos atenção em quanto é coberto em um tempo tão breve.

Nós falamos sobre o ritmo de Marcos na semana passada e como Marcos se move muito rápido. Mas ao se mover muito rápido, ele também desacelera muito. E então, uma das coisas que eu acho que veremos aqui é que Marcos cobrirá em 13 versículos o que Mateus, por exemplo, leva quase quatro capítulos para cobrir.

Temos muitas declarações resumidas no prólogo. Temos muitas informações que quase parecem ser conhecimento assumido. Elementos-chave da história de Jesus, mas também aqueles elementos que seriam prontamente conhecidos.

Então, temos João Batista introduzido, mas não temos muito sobre ele. Temos o batismo e um momento-chave ali, mas não temos a conversa que ocorre em torno do batismo. Temos uma referência à narrativa da tentação, mas não temos a descrição completa do que aconteceu no deserto.

Neste prólogo, Marcos se move por grandes pedaços de material nos quais Mateus, Lucas e João gastam mais tempo, a ponto de, eventualmente, ele desacelerar. Há esse ritmo quase de pelo de tartaruga. Ele se move muito rápido, como um coelho, e então desacelera como uma tartaruga.

E esse ritmo mais lento é o que veremos na próxima palestra sobre Marcos 1. Mas vamos ver o que temos aqui hoje. E então, começando com o prólogo, chegamos aos três primeiros versículos. O início das boas novas sobre Jesus, o Messias, Jesus Cristo, como está escrito no profeta Isaías, enviarei meu mensageiro à sua frente, que preparará o seu caminho, uma voz que clama no deserto, prepare o caminho do Senhor, faça veredas retas para ele.

Provavelmente vale a pena mencionar aqui o versículo 1, onde diz o começo das boas novas. Esta é a palavra grega sobre a qual falamos da última vez, euangelion . Mas aqui não é uma boa nova, evangelho no sentido de um gênero, mas realmente de uma proclamação, esse aspecto.

Então, é o começo de uma proclamação. Alguns argumentam que o versículo 1 está falando sobre o livro inteiro como uma forma de introduzir o livro inteiro, o começo das boas novas, isto é, o Evangelho de Marcos. Eu acho, porém, que o que vemos aqui com o versículo 1, o começo das boas novas sobre Jesus, o Messias, provavelmente realmente cobre o que João Batista faz.

Que o início da proclamação é a maneira de Marcos discutir que a proclamação de que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, começa essencialmente com João Batista. E eu acho que uma das razões para isso é notar que é o início das boas novas sobre Jesus, Jesus Cristo, algumas traduções Jesus, o Messias, Cristo sendo uma transliteração em inglês da palavra grega Christos, Christos sendo a palavra grega para Messias. E é daí que isso vem.

E o que é importante notar é a referência a Jesus aqui. É o começo da proclamação das boas novas sobre Jesus, o Cristo, Jesus, o Messias. Então, não é o sentido do começo das boas novas, o começo da proclamação sobre o Messias em geral, ou o Messias prometido em algum tipo de grande forma conceitual, mas é muito particular.

A proclamação sobre Jesus, o homem específico, começa com João Batista. Acho que é onde Marcos está localizado. A proclamação de que este Jesus é o Messias, o Filho de Deus, realmente começa com João Batista.

Com João Batista apontando para essa pessoa em particular. E então, eu acho que é isso que está acontecendo lá no versículo 1. E então, como não seria inesperado, vemos João Batista aqui associado a um texto bíblico. Estava escrito no profeta Isaías , Eu enviarei meu mensageiro à sua frente, que preparará o seu caminho.

Uma voz de alguém chamando no deserto, prepare o caminho do Senhor. Vou voltar a isso um pouco. Quero falar um pouco mais sobre esse texto e sobre João Batista.

Porque é assim, como você sabe, que todos os quatro evangelhos começam sua história. Há um elemento-chave para João Batista em sua história. E então, provavelmente é útil para nós falarmos um pouco sobre quem foi João Batista e como essa passagem que está sendo referenciada se refere a ele.

Esta passagem de Isaías é, na verdade, mais do que apenas Isaías. Achamos que temos duas, possivelmente três, passagens no Antigo Testamento que estão sendo reunidas e apresentadas neste texto. Uma é uma combinação de Êxodo 23:20, a primeira parte do versículo 20, junto com Malaquias 3:1 e então Isaías 40, versículo 3. A razão pela qual achamos que a passagem de Êxodo pode estar em vista é que, na Septuaginta, que é a tradução grega da Bíblia hebraica, que chamaríamos de

Antigo Testamento, a tradução grega daquela desse período é referida como Septuaginta.

Na Septuaginta, o início é quase literal, com Deus prometendo enviar um anjo à frente dos israelitas no deserto. Então, achamos que Êxodo 23:20, a primeira parte do versículo 20, pode estar em vista aqui. Em Malaquias, o mensageiro em questão, que incidentalmente é identificado como Elias mais tarde em Malaquias 4.6, mas aqui em Malaquias, que é parte desta passagem, prepara-se para a vinda escatológica final de Deus para purificar Israel e julgar os ímpios.

Essa identificação de Elias, de fato, veremos quando entrarmos em Marcos 9, que Jesus identificará João Batista como esse profeta escatológico, como essa figura de Elias. Falaremos mais sobre isso. Mas uma nota importante em Malaquias, na referência a Malaquias, a passagem diz, prepare meu caminho.

Enquanto em Marcos, mudou para preparar seu caminho. Então, eu acho que essa é uma mudança importante que ocorreu. Acho que Marcos está nos dizendo algo muito profundo ao atribuir a João Batista esse texto, mas mudando o texto de Malaquias para ler prepare seu caminho em vez de prepare meu caminho, que ele está dizendo algo sobre Jesus em relação a Deus.

Enquanto Deus diz em Malaquias prepare meu caminho, aqui o pronome é associado a Jesus. E então, há esse sentido de que a vinda escatológica de Deus, o retorno de Deus, a culminação do plano e do tempo da grande obra de Deus, a vinda da purificação de Israel e o julgamento dos ímpios, que isso está ocorrendo com a chegada de Jesus. Claro, a raiz dominante dessa passagem é Isaías 40, versículo 3. E Marcos está enfatizando Isaías aqui.

Agora, ele não está errado em dizer que isso é de Isaías e não mencionar Malaquias ou mesmo possivelmente a passagem do Êxodo, embora essa seja um pouco menos certa. Teria sido bem dentro da prática comum localizar dentro da referência dominante e citar Isaías como o tipo de referente primário para esta passagem. Aqueles que ouviram isso teriam ouvido prontamente Isaías 40 e também teriam ouvido Malaquias e não teriam considerado que Marcos estava fazendo algo estranho aqui.

Na verdade, Isaías, a grande mensagem de Isaías, aquela mensagem do servo sofredor, a redenção escatológica, a nova linguagem do Êxodo que vemos em todo Isaías 40, a libertação final, é uma parte forte do evangelho de Marcos. E então, ancorar a chegada de João Batista em Isaías 40, mesmo que haja uma confusão com outras passagens, faz muito sentido. Agora, quando pensamos em João Batista, provavelmente vale a pena gastar um pouco de tempo com ele por causa da importância que ele teve historicamente, especialmente para o mundo do Novo Testamento.

Jesus afirmou que João Batista em Mateus 11 era mais do que um profeta. Fala sobre como ele era o maior. Ao contrário de todas as outras figuras do Novo Testamento, apenas as mortes de Jesus e João Batista recebem tratamento significativo.

João Batista tinha muitos seguidores. Na verdade, se você ler Atos, Paulo se depara com algumas pessoas que ainda seguem João Batista e estão confusas ou talvez incompletas em suas informações. Jesus, como sabemos, foi batizado por João.

A mensagem de Jesus é muito similar à de João sobre a chegada do reino. João Batista é usado nos evangelhos para comparar e contrastar com Jesus. De muitas maneiras, é a grandeza de João Batista que é usada como contraste para mostrar a grandeza até mesmo insuperável de Jesus.

Há sugestões por todo o lugar, das quais já falamos, sobre o Elias, o Elias escatológico, essa figura esperada que viria para preparar o caminho. A morte de João Batista é uma parte fundamental do ministério de Jesus. Marcos vai meio que citá-la como o início do ministério de Jesus.

Lucas nos conta muito sobre João Batista nascido em uma família sacerdotal, de pais mais velhos. Houve uma concepção milagrosa, se preferir, apenas no sentido de que Isabel e Zacarias eram considerados velhos demais para ter filhos, e ainda assim engravidaram de João. Houve muitos argumentos sugerindo que João pode ter tido uma conexão com uma comunidade conhecida como Qumran, a comunidade perto de Qumran.

Os Crânios do Mar Morto estão associados a ele. Parte dessa conexão decorre do fato de que Isaías 40, versículo 3, era uma parte importante daquela comunidade e que parecia haver algumas conexões de dieta e vestimenta. Mas acho que isso é muito mais coincidência do que causal.

O judaísmo primitivo estava cheio de esperança messiânica nessa época, e isso assumiu uma variedade de formas, e não é inesperado ver versículos como Isaías 40 serem aplicados a diferentes grupos. Algumas últimas pequenas notas finais antes de prosseguir. João Batista, algumas coisas que sabemos sobre ele.

Ele estava no deserto. Ele atraiu grandes multidões. Ele batizou.

Houve um ato simbólico de batismo nas águas. É fácil ver, dadas suas multidões e sua mensagem, que havia um potencial messiânico que se desenvolveu ao redor dele. Embora precisemos ser claros, ele nunca fez tais afirmações sobre si mesmo.

João Batista foi muito claro que era Jesus. Quando vemos suas roupas, o que ele vestia e com o cabelo, e o que ele comia, isso está muito de acordo com os profetas

do Antigo Testamento, onde o que você vestia, o que você comia, o que você fazia, havia um efeito parabólico de ensino nisso. Então não era que João Batista fosse algum tipo de louco no deserto, mas sim que ele estava comunicando uma mensagem em tudo o que ele fazia, tanto no local onde ele estava, onde o deserto tem um forte foco no Antigo Testamento, mas também nas roupas que ele tinha, que na verdade tem algumas conexões interessantes de cabelo com conexões de manto em Elias.

Pode até ter havido uma referência aberta a Elias ali em termos de algumas das roupas. Mas havia, eu acho, um julgamento que estava sendo transmitido em suas roupas e em sua comida sobre a ganância e a opulência que estavam acontecendo entre os governantes de Israel. Então ele estava fazendo uma declaração ali também no que estava vestindo.

Há também muito da mensagem de João Batista de que o julgamento estava chegando. Que com a chegada do reino viria o julgamento sobre aqueles que estavam se opondo a Deus e aqueles que estavam, os governantes especialmente de Israel, que estavam tirando vantagem de sua posição em nome de Deus. Na verdade, os outros Evangelhos mostram isso bem claramente.

Claro, o insulto mais conhecido na Bíblia é quando João Batista chama o líder religioso que se aproxima de uma ninhada de víboras e pergunta quem os avisou sobre a desgraça que se aproximava, quase querendo saber por que eles estariam lá em primeiro lugar. Mas aqui vai um pouco sobre João Batista, e acho que é importante considerarmos João Batista em termos de como Marcos o está apresentando. Com João Batista, temos essa figura que traça uma conexão entre o que Deus havia dito que ocorreria, a vinda do servo sofredor de Isaías, e a vinda do único, a chegada escatológica de Deus.

Aquele momento que era antecipado está agora se concretizando. E então, vemos em João Batista uma conexão orgânica sendo feita com o que Deus tinha feito na história de Deus e seu povo e o que Deus estava fazendo agora com a chegada de Cristo. E eu acho que também temos uma declaração muito importante, uma declaração informativa, se preferir, de como Marcos estará falando sobre Jesus, e temos isso no versículo 7. Então, este é João Batista falando, e esta foi sua mensagem.

Depois de mim vem aquele mais poderoso do que eu. E então ele continua, ele explica a extensão disso com a tira de cujas sandálias eu não sou digno de me abaixar e desamarrar, um ato muito vergonhoso e baixo de se fazer. Mas esse é o primeiro tipo de descrição nos lábios de alguém no Evangelho de Marcos, sobre uma pessoa, sobre quem é Jesus. Observe que é depois de mim que vem aquele mais poderoso do que eu. O mais forte do que eu provavelmente seria uma tradução muito boa do texto grego ali, onde mais forte é o tipo de descritor que está sendo usado.

E então, João Batista, quando ele fala de Jesus, ele diz, o mais forte do que eu. Isso realmente prepara o cenário muito bem para o que veremos Marcos fazendo com a autoridade de Jesus, como, repetidamente, encontraremos essas referências à força de Jesus e à autoridade de Jesus. Então, em Marcos, quando ele está cobrindo a chegada de João Batista, ele a mantém muito breve, mas ele a associa com aquele que prepararia o caminho e ele a associa com a força de Jesus.

E a última coisa que Marcos nos lembra no versículo 8 é João dizendo, eu vos batizo com água, mas ele vos batizará com o Espírito Santo. É interessante que há muito debate sobre exatamente o que era o batismo de João. E eu acho que é justo dizer que não parece ser o mesmo tipo de batismo que a igreja primitiva professaria.

A razão pela qual digo isso é porque o batismo de João — arrependei-vos e sede batizados — tem algumas semelhanças com isso, mas João parece estar falando ao povo de Israel sobre a necessidade desse tipo de arrependimento corporativo. E a questão se torna, como a água se encaixa nisso? Houve várias teorias. Alguns argumentaram que isso é semelhante ao que a comunidade de Qumran faria com os prosélitos gentios. Novamente, não acho que isso seja tão forte.

Mas para ser justo, não temos uma infinidade de paralelos com o que João estava fazendo. Em outras palavras, João não parece estar fazendo uma prática que era uma prática comum e bem conhecida da qual podemos dizer, ah, é isso que João está fazendo. Então, o que devemos fazer com seu batismo? Bem, se João está operando de forma semelhante aos profetas do Antigo Testamento, ou seja, suas roupas, seus maneirismos, sua comida e sua localização são todos parte da mensagem, então acho que é provavelmente onde estamos para entender melhor seu batismo.

Que seu batismo, há algo simbólico ocorrendo com o batismo nas águas que é consistente com sua mensagem. Uma das coisas que vemos em sua mensagem, como mencionei antes, ao longo dos Evangelhos é que o julgamento é chegada, o tempo do julgamento chegou, e o machado está na raiz. A água, então, pode ser melhor entendida não como um ritual de purificação de limpeza ou lavagem, mas talvez seja melhor entendida com o outro símbolo da ideia que a água frequentemente transmitia, que seria julgamento, que seria caos, que seria destruição, o dilúvio, se você pudesse pensar nessa imagem, talvez, de Noé também era julgamento.

E pode haver essa ideia de João chamando o povo a confessar que eles são dignos de julgamento, que eles foram um povo desobediente, e então simbolicamente entrando naquele julgamento e então saindo, retratando uma espécie de graça de Deus ou misericórdia de Deus. Isso se encaixaria com sua mensagem de

arrependimento de seus pecados. É interessante, novamente, eu não sei se algum dia saberemos exatamente o que seu batismo estava fazendo.

Eu acho que o fato de Jesus ter concordado em ser batizado nos ajuda aqui. Quando Jesus concorda em ser batizado, Marcos não nos conta muito sobre a conversa entre Jesus e João, mas Mateus conta, e há esse sentido em que Jesus está afirmando e concordando que é certo para ele estar onde nosso pecador pertence, talvez sob julgamento, e então antecipando a cruz. Novamente, esta é uma sugestão de algumas coisas para você pensar.

Mas João compara seu batismo com o quê? Ou com o batismo de espírito que Jesus fará. E há algumas referências, eu acho, aqui a Isaías 4 e Isaías 11, assim como Ezequiel 26, 39, Joel 2, a ideia do reavivamento do Messias e do espírito e a presença do espírito de uma forma única. Então, o Messias esperado e a presença do espírito de Deus se unindo foram antecipados e esperados.

Então, de muitas maneiras, eu acho que João está apontando para essa realidade. Mas também, se você pensar no espírito de uma forma similar a como pensamos na água, que a chegada do espírito, onde se a água estava simbolizando o julgamento, mas também meio que saindo do julgamento, talvez, naquele batismo, nós possamos ver o mesmo com o espírito, com a chegada do espírito, que há tanto a presença de Deus, que tem uma qualidade de julgamento, mas também a presença da proteção e da chegada e do conforto. Mas enquanto a água, eu acho, é simbólica para João, o que João está dizendo é que o espírito não é.

É autêntico. Que esta não é uma metáfora que João está usando, mas declarando a realidade escatológica dela. É interessante só pensar sobre isso.

Uma das coisas, claro, que é tão frustrante com Mark é que ele não nos conta muito mais. Ele apenas apresenta muito brevemente. Novamente, há quase essa suposição de que talvez isso seja conhecimento assumido.

Talvez esses sejam os elementos-chave da história de Jesus que a igreja primitiva conhecia e precisava ser mencionada. Que não se poderia começar a história de Jesus sem a história de João Batista. Olhando novamente, então, se eu quisesse, para esse tipo de ideias-chave, acho que há duas ideias principais em ação aqui nesses primeiros oito versos do prólogo.

Uma é que Jesus está sendo apresentado como o cumprimento da história de Deus e seu povo. Que a grande história de Deus, a grande história que Isaías estava apontando, e se há uma dica de Êxodo e Malaquias, que essa grande história está agora chegando ao seu ápice. Que há algo significativo prestes a acontecer na dobradiça da história de Deus e seu povo.

Também, que Jesus, como eu disse, é o mais forte e sua autoridade e seu poder. Nestes primeiros oito versos do prólogo, essas são meio que as duas coisas que eu gostaria que tivéssemos em mente. Avançando um pouco aqui agora, enquanto continuamos a pensar sobre o prólogo, quero olhar para os versos 9 a 13.

Naquele tempo, Jesus veio de Nazaré na Galileia e foi batizado por João no Jordão. Assim que Jesus estava saindo da água, ele viu o céu sendo rasgado e o Espírito descendo sobre ele como uma pomba. Uma voz veio do céu, você é meu filho a quem eu amo com você estou bem satisfeito.

Imediatamente o Espírito o enviou para o deserto e ele ficou no deserto 40 dias sendo tentado por Satanás. Ele estava com animais selvagens e anjos o atendiam. Novamente, um elemento muito comum à história de Jesus, um elemento conhecido, mas acho que há algumas notas interpretativas muito importantes aqui.

A propósito, até a maneira como começa é interessante com o versículo 9. Naquela época, algumas traduções naquela época meio que mostram que Marcos não está fazendo uma biografia pura aqui. Ele pulou grandes pedaços de tempo e está ancorando tudo dentro de um período de tempo, se preferir. Aqueles dias, eu acho, então se referindo ao ministério terreno de Jesus.

Aqueles dias, eu acho, se referem a isso. Claro, Jesus vem de Nazaré. A única razão pela qual sabemos alguma coisa sobre Nazaré é porque Jesus veio de lá.

Esta era uma cidade desconhecida e irrelevante. O Antigo Testamento e o Talmude não a mencionam.

Josefo não menciona isso. O Novo Testamento menciona isso. Isso nos dá, eu acho, evidência historiográfica.

Se alguém fosse criar uma história na qual quisesse elevar o herói, você não o localizaria em Nazaré. Você poderia ficar com Belém. Belém tinha uma referência profética a ela.

Sabemos que Jesus nasceu em Belém. Você pode até falar genericamente da Galileia, mas Nazaré, não. Acho fascinante que Nazaré agora seja provavelmente uma das cidades antigas mais conhecidas.

Por quê? Porque é de lá que Jesus veio. Interessante o suficiente, a única referência que temos na história sobre a opinião das pessoas sobre Nazaré está em João capítulo 1, quando Natanael zomba dela e se pergunta por que algo poderia vir de lá. Então, temos esse começo do ministério de Jesus.

Ele vem de um começo muito humilde em Nazaré. Ele é batizado por João no Jordão. Então observe este batismo, o que ocorre aqui.

Assim como, novamente, isso assim como, você vê muito disso assim imediatamente e então. Isso é parte desse ritmo que Marcos continua nos conduzindo. Assim que ele estava saindo da água, ele, ou seja, Jesus, viu o céu sendo rasgado.

É uma linguagem fascinante aqui, rasgada. As palavras que estão sendo usadas são a ideia de um tecido sendo rasgado. A palavra inglesa schism vem da palavra grega que está sendo usada aqui, *this rending*, se preferir.

O que é interessante, a razão pela qual eu aponto isso é porque essa não é a linguagem que Mateus e Lucas usam. Mateus e Lucas falam dos céus sendo abertos como uma porta pode ser aberta ou uma porta pode ser deslizada. Onde Marcos fala dos céus sendo rasgados.

Mudança fascinante. E não acho que seja acidental. Temos, é claro, lugares como Isaías 64 1, oh, se você rasgasse os céus e descesse, que os montes tremessem diante de você.

Mas essa linguagem dilacerante não está simplesmente puxando de Isaías aqui, mas eu acho que está antecipando o próximo momento no Evangelho de Marcos onde veremos o mesmo termo usado, e isso é em Marcos 15 versículo 38 quando é o véu que é rasgado. O véu que separa o templo, o Santo dos Santos, do resto do complexo, e isso acontece na morte de Cristo. E isso não é, eu acredito, acidental porque, em uma cosmologia do segundo templo, era frequentemente considerado que a esfera celestial, o espaço celestial, era separado da esfera terrestre por um véu.

Que havia esse grande tecido cosmológico, se preferir, que separava os dois. E, de fato, a construção do templo e o design do templo foram feitos para refletir isso. O véu que separaria o interior do exterior e então havia até outro véu, foi representado com simbolismo.

Simbolismo da criação, simbolismo do cosmos, a ideia de que quase uma releitura do Jardim do Éden em forma simbólica foi meio que apresentada no design do templo. Deixe-me fazer meu ponto aqui. Os sacerdotes, por exemplo, suas vestimentas, quando estavam fora do santuário interno, quando estavam, em outras palavras, no reino terrestre, suas vestimentas frequentemente tinham símbolos nelas que transmitiam a criação.

Isso meio que retratava, se você quiser, a esfera na qual eles estavam trabalhando, na qual eles estavam ministrando. Mas quando eles passaram pelo véu, para a área

interna, eles mudaram suas vestes para todas brancas. Agora, isso meio que indicava que eles estavam no celestial.

Eles estavam em um lugar único que tinha uma localização celestial. E suas vestes foram concedidas. E então, quando eles trocaram suas roupas? Por falta de uma maneira melhor, quando eles passaram pelo véu.

Philo pega essa ideia quando fala sobre o Logos Divino e fala de como o Logos Divino, essa figura que é uma figura teórica, passaria pelo véu e tomaria elementos da criação. O ponto é que essa abertura dos céus e a abertura do véu no templo são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Que o que foi mantido separado agora foi rasgado.

E então, há uma qualidade apocalíptica nisso, de revelação que está ocorrendo. Mas esses são esses interessantes suportes de livros. E se me permite, há até outro elemento que conecta esses dois.

Nesta primeira leitura, a abertura dos céus, Deus fala e declara algo sobre Jesus, que veremos sobre a Filiação de Jesus. Em Marcos 15, quando este véu no templo, o templo terrestre, é separado, é rasgado, ocorre ao mesmo tempo que há outra confissão de quem Cristo é. Desta vez não por Deus, desta vez por um guarda romano considerando a morte de Jesus e dizendo, certamente este homem deve ser o Filho de Deus.

Então, você tem separações simbólicas e reais sendo, que foram separadas, sendo agora renderizadas. E você tem confissões duais, uma por Deus, uma pelo homem. E ainda mais fascinante é, quando olhamos através do Evangelho de Marcos, veremos, é que tão frequentemente, quando alguém faz uma confissão sobre quem é Jesus no Evangelho de Marcos, eles são mandados ficar em silêncio; eles são repreendidos, eles são corrigidos.

Marcos escolheu esses elementos, eu acho, por razões literárias, porque eles constroem a atenção. De repente, a única vez que alguém parece acertar é quando Deus fala. Quando qualquer outra pessoa fala, ela é demoníaca ou está errada até chegarmos ao centurião romano.

E então, de repente, temos uma confissão sobre quem Jesus é que não é corrigida, que não é repreendida, que não é silenciada. É como se Marcos estivesse pedindo ao leitor para se tornar, para querer saber, quando é aceitável dizer quem Jesus é? E é na cruz que ele está construindo em direção a isso, e ele faz isso usando essa linguagem dilacerante, esse significado. Olhando aqui então para o que é declarado, o que ocorre, você tem primeiro a vinda do Espírito.

Já falamos um pouco sobre isso. Isaías 11, versículos 2 a 4, fala do Messias vindouro como alguém sobre quem o Espírito do Senhor repousará, indicando dependência total de Deus, mas a vinda do Espírito sendo parte dessa identificação messiânica. Então, você tem aqui essa chegada do Espírito, onde você tem Deus Pai, a chegada do Espírito repousando sobre Jesus, eu acho que é feito com o propósito de dizer que o que foi predito agora veio.

Claro, você tem o Filho, então há essa imagem da Trindade aqui, assim como o ministério de Jesus prestes a começar. Você tem essa referência à pomba, que é fascinante. A pomba provavelmente deve ser entendida adjetivamente, não adverbialmente.

Com isso, quero dizer que desceu como uma pomba, parecendo uma pomba, não da maneira que uma pomba desce, se isso faz sentido. Por que aqui? Talvez haja um eco da salvação da história de Noé, talvez, que haja essa ideia de, novamente, água sendo julgamento, a pomba sendo salvação do julgamento. Talvez haja essa imagem saindo aqui.

Se for assim, então isso apoiaria meu pensamento de que a mensagem de João Batista e seu batismo tinham conotações de julgamento de destruição, que Jesus toma a destruição sobre si para trazer salvação a Deus. E então, é claro, você tem essa grande declaração de Deus, a voz de Deus falando. Observe em Marcos que Jesus ainda não fez nada, o que significa que essa filiação, essa revelação de filiação, não é com base nos feitos de Jesus, mas com base em quem ele é.

E a razão pela qual eu faço esse ponto é porque ser declarado Filho de um Deus não era uma realidade desconhecida no mundo antigo. No judaísmo, por exemplo, no antigo Israel, você teria anjos sendo ditos filhos de Deus, você teria reis sendo filhos de Deus, você teria o próprio Israel sendo um filho de Deus. E cada um deles tinha um motivo de obediência para eles, entidades únicas separadas para obedecer a Deus de uma maneira específica.

E eu acho que muito disso é o que está informando quem é Jesus. Mas mesmo no mundo greco-romano, você tinha referências a imperadores sendo filhos de Deus, grandes heróis como Alexandre, o Grande, quando ele está no Egito, é declarado filho de Deus. César Augusto assume o título após a morte de Júlio César, seu pai adotivo.

Mas quando uma figura greco-romana era declarada filho de um Deus, era frequentemente por conta do grande feito que eles tinham feito, geralmente após sua morte, às vezes no meio de grandes realizações. Mas aqui temos uma declaração da filiação de Jesus, e Marcos não fez nada ainda, nada de significativo. Então é uma declaração de quem ele é com base em quem ele é, não com base no que ele fez.

E então a voz do céu, que seria Deus falando, diz, onde estou aqui? Oh sim, você é meu filho. Este é o versículo 11, a quem eu amo. Com você, estou bem satisfeito. Que você, a propósito, é enfático.

Há uma ênfase que é colocada nisso, a maneira como o grego é construído ali. E há uma citação de, novamente, várias passagens como vimos no começo. Temos o Salmo 2-7 aqui, que é um salmo de entronização davídico, uma declaração do Messias, a dinastia davídica.

A língua amada pode ser uma dica de Gênesis 22:2. A língua amada não vem do Salmo 2:7. Mas é claro, Isaque, Deus diz de Isaque a Abraão, seu único filho, seu amado, seu único filho a quem você ama, sugerindo, se isso estiver certo, que há uma possível conexão Jesus-Isaque sendo traçada aqui.

E ainda mais de uma analogia de disposição para o sacrifício, da disposição de Abraão para sacrificar Isaque, e da disposição de Deus para sacrificar seu filho. E então o "Estou muito satisfeito com você" vem de Isaías 42:1, onde o escolhido de Deus, a parte da canção do servo maior, é selecionado como um indivíduo que se entregará como um sacrifício. O que isso significa aqui é nesta declaração que Deus tem no batismo, que eu acredito que ocorre no batismo porque o que está acontecendo no batismo reflete por que Jesus está aqui, que é ir para o lugar que pertence aos pecadores onde o julgamento está ocorrendo, e então passar por essas águas para trazer a salvação, que ao fazer esta declaração no batismo, Deus está combinando a linguagem da entronização, dizendo sim, este é o Messias Davídico, este é aquele que está por vir, e este Messias Davídico também é o servo que será sacrificado.

Como Isaac, o filho amado, o servo que será sacrificado. É uma declaração fascinante e poderosa. Passamos rapidamente aqui pelo batismo após essa revelação de Deus sobre quem Jesus é, e Marcos é muito breve aqui.

Não sabemos por Marcos quem ouviu o quê. Sabemos que Jesus viu e Jesus ouviu. Mas então imediatamente o Espírito o enviou para o deserto.

Então, temos imediatamente que a primeira coisa que ocorre no final do batismo é a obediência a Jesus. Ser conduzido pelo Espírito ao deserto teria tido o motivo de Israel. Eles foram conduzidos ao deserto pelo Espírito quando estavam saindo do Egito.

Mateus faz um grande alarido sobre a linguagem de Israel de Jesus. E eu acho que Marcos está trazendo isso um pouco também. Então, ele é levado pelo Espírito para o deserto, onde ele jejua por 40 dias.

Novamente, o número 40 não é insignificante. Marcos, porém, apenas nos diz que foi tentado por 40 dias por Satanás. Não perca isso.

O primeiro adversário apresentado no Evangelho de Marcos é Satanás. Ele é apresentado diante de líderes religiosos, diante de Herodes, diante de outros. O adversário que é apresentado é Satanás.

Veremos isso acontecer uma e outra vez, especialmente nos exorcismos. E então temos esse pequeno pedaço fascinante que só Marcos nos conta é que Jesus estava com os animais também. E muito tem sido questionado sobre o porquê dos animais aqui.

Os anjos que atendem Jesus são captados em outro lugar, mas não os animais. Marcos está apenas tentando mostrar como os animais são tipicamente uma ameaça no deserto. Eles não são uma ameaça para Jesus.

Que ele será protegido, é possível. Isso é uma dica do Éden? Onde estão os animais e o segundo Adão, se preferir, aqui juntos? Ou isso é apenas Marcos sendo historicamente preciso e sabendo que os animais o atenderam de uma maneira semelhante à que Elias atendeu? Não sabemos.

Acho que a adição de animais selvagens é importante nesse sentido porque acho que fala da qualidade historiográfica. E me inclino a pensar que aqui temos uma imagem de que a vida ao redor de Jesus é como deveria ter sido antes da Queda. Que ao redor de Jesus, os efeitos da Queda estão sendo desfeitos.

Acho que veremos isso nas curas, por exemplo. E, claro, não são apenas os efeitos da Queda que estão sendo desfeitos, mas a causa dela também, que abordaremos. A última parte sobre o prólogo antes de terminarmos é notar novamente o quanto foi deixado de fora.

Você deve ter notado que vários pontos durante a palestra de hoje, eu mencionei que Mateus traz isso à tona, ou João traz isso à tona, ou sabemos por Lucas. É porque muitos desses eventos nós, na verdade, quando pensamos no que sabemos sobre Jesus, não obtemos de Marcos. Nós obtemos de Mateus, Lucas e João.

Isso faz parte da estratégia de ritmo de Marcos. Estamos nos movendo muito rápido. O que Marcos faz em alguns versículos, Mateus faz em capítulos, e estamos prestes a chegar a um ponto em que Marcos desacelera drasticamente, onde ele usará o mesmo número de versículos para falar sobre um único dia que ele usou para falar sobre a chegada de João Batista, o batismo de Jesus por João Batista e a mudança para o deserto.

A mesma quantidade de versículos que ele usará, dos quais dois desses versículos são apenas texto bíblico, três desses versículos são citações de texto bíblico, o mesmo número de versículos que ele usa para isso, ele usará para falar sobre um

único dia. Há algo sobre aquele único dia que Marcos acha importante para entender quem é Jesus. Chegaremos a isso na próxima vez.

Obrigado. Vamos para o capítulo 1, versículos 1-13.

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o livro de Marcos. Esta é a sessão 2 sobre Marcos 1:1-13.